



Fonte: [http://i.dailymail.co.uk/i/pix/2015/04/25/18/27FAFB5D00000578-3055391-Priska\\_Lowenbeinova-a-82\\_1429983085329.jpg](http://i.dailymail.co.uk/i/pix/2015/04/25/18/27FAFB5D00000578-3055391-Priska_Lowenbeinova-a-82_1429983085329.jpg)

## «No útero do Holocausto»

*História ficcionada tendo por base a leitura da história de Priska e Hanka relatada no livro «Os bebés de Auschwitz» de Wendy Holden.*

Eu sempre tive uma aversão patológica a gritos e berros. «Se alguém me falar de forma agressiva, tudo o que quero fazer é correr e esconder-me. Não esqueçamos que nasci com os punhos cerrados erguidos junto aos ouvidos». Considero que isto se deve ao que senti durante o tempo que passei no útero e durante as primeiras semanas após o meu nascimento. O meu nome é Hana Edith Lowenbein e eu estive “presente” no Holocausto, na verdade eu presenciei o Holocausto, de uma maneira indireta, ainda dentro do útero da minha mãe.

Adaptado de HOLDEN, Wendy – *Os bebés de Auschwitz*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.

## **26 de setembro de 1944**

Mas que barulho é este? Já ninguém tem consideração por um pobre embrião de oito semanas a tentar dormir?! Ah! Não me posso zangar, afinal é o aniversário do meu pai. Quantos?...30 anos, para mim é quase uma eternidade, sim, porque eu ainda nem sequer nasci. Ainda nem tenho nome. Qual será o nome que vão cantar quando for a minha vez de ter uma festa de aniversário? Tibor, é o nome que estou a ouvir, o nome do meu pai. Já a minha mãe... Eu ainda não percebi se o seu nome é Priska ou "Menina de ouro", o meu pai chama-lhe os dois! Só espero que não se lembrem de me chamar "Menina de ouro" também, é querido, mas para nome é um bocadinho... invulgar. De qualquer forma, se de facto eu tiver de arcar com esse nome, hoje, tudo lhes perdoo, não seja hoje o Yom Kippur. A minha família é judia, eu sou judia também, e apesar de ainda não ter percebido muito bem todas as tradições judaicas, o Yom Kippur é o dia do Perdão.

A festa acabou e agora os meus pais vão para a cama. Agora vou ter com eles um merecido descanso. Sem dúvida que as festas de aniversário são cansativas! Estou a ouvir os meus pais outra vez, falam num murmúrio, muito diferente do barulho e agitação da festa. Repetem orações que já estou mais que habituada a ouvir, rezam para que eu consiga sobreviver. Mas... Não percebo... Eles estão preocupados com o quê? Nunca acontece nada aqui dentro do útero! Este é um lugar que só serve para deixar alguém aborrecido! Devia mesmo voltar a dormir...

## **28 de setembro de 1944**

Estou tão assustada! A minha mãe está tão ansiosa e preocupada! Oiço tanto barulho à minha volta, muito mais do que alguma vez ouvi! De certo não estou em casa! Mas afinal onde estou? Não sei. E pensar que hoje de manhã estava tudo a correr tão bem...

Era um dia calmo e normal. Mas depois tudo mudou. Tinham de aparecer aquelas pessoas em casa, porque é que apareceram? Irromperam subitamente na minha casa, assustando-me a mim e aos meus pais de morte! Ai, que até o meu pequeno coraçãozinho recém-formado começou a bater mais rapidamente que o costume! Aquelas pessoas eram brutas e arrogantes! Gritavam com os meus pais, sem eu saber porquê, será que eles fizeram alguma asneira? Se sim, deve ter sido alguma coisa muito má, pois ordenaram-lhes que colocassem os seus pertences num par de malas sem que possam ultrapassar 50 kg. Eu não sou perita em medidas (nem nada que se pareça) mas para que todas as coisas que os meus pais têm caibam em duas malas que não podem ultrapassar 50 kg, 50 kg deve ser imenso! Como é que vão carregar tudo? Aquelas pessoas devem ser mesmo fortes!

Afinal 50 kg não deve ser o que pensava. Ouvei os meus pais a queixarem-se que tiveram de deixar para trás a coleção de selos, cachimbos, camisas, livros e preciosos cadernos que continham anos de escrita do meu pai.

Ai! Toda a agitação que vivi hoje e todo este barulho à minha volta estão a deixar-me nervosa! São tantas vozes agitadas que oiço, parece que estou rodeada por centenas de pessoas! E estas vozes estão tão agitadas, tão aflitas, tão nervosas! Ai, sinto tanta ansiedade! Ansiedade e medo! Acho que a minha mãe partilha os mesmos sentimentos, e mais ainda, pois ouvi-a dizer ao meu pai que sente enjoos matinais, coisa que nunca aconteceu antes. Sem dúvida que esta confusão está a perturbar-nos às duas. Nem sei como é que o meu pai está tão calmo. Ele fala com a minha mãe e tenta acalmá-la. Diz-lhe para pensar em mim, e que talvez nos mandem para casa. Repete isso vezes sem conta. A minha mãe responde-lhe que está apenas desejosa que nos tirem desta sinagoga ortodoxa, onde estamos no meio de uma multidão de outros judeus.

Parece que o desejo da minha mãe se realizou. Enfiaram-nos num autocarro e partimos. Pelo que ouvi, não somos os únicos. Eu e os meus pais viajamos com mais 2000 judeus. Aqueles que nos meteram aqui dentro disseram que íamos em direção a Lamac. Não faço ideia onde é ou o que é Lamac, mas depois de um dia como este, espero bem que seja algo divertido.

### **30 de setembro de 1944**

Não podiam ter esperado mais umas horas para me acordarem? O mais estranho é que sinto que a minha mãe não esteve a dormir tanto tempo como o habitual... Eu não a censuro, pois depois de dois dias neste sítio a que chamam campo de Sered, até eu já sei que aquilo a que (erradamente) chamam camas não são nada confortáveis! De qualquer maneira, arrancaram-nos da cama bruscamente e enfiaram-nos num sítio estranho. A minha mãe nem espaço tem para se mexer e eu, sinto-me ainda mais apertada que o normal, dada a quantidade de gente que está à volta da minha mãe, a pressionar-lhe a barriga! Que desconforto! Mas eu sou aquela que, provavelmente, está melhor, oiço esta gente toda a queixar-se de um fedor insuportável que aqui se sente, pelos vistos devido a um balde que está sempre a entornar. Mas porque é que não deitam fora o conteúdo do balde de uma vez por todas? Não deve ser difícil, estamos em movimento, por isso sítios não devem faltar. Além disso, acho que estamos num comboio e ele eventualmente há de parar, não é? Bem, é nestas alturas que eu agradeço o facto de estar isolada do mundo no útero da minha mãe. Estou nas melhores condições possíveis: a temperatura perfeita, aconchegada, e protegida dos fedores insuportáveis do mundo...

Há barulhos e um pouco de pânico à minha volta, noto o medo nos passageiros, mas os meus pais têm uma coragem desmedida! Falam e tentam acalmar-se um ao outro, procuram assegurar-se de que vamos todos voltar para casa, tentam mostrar bravura um ao outro... Porém, eu cá sei como a minha mãe está assustada, tanto como as outras vozes à nossa volta. Oh, pai! Espero que não estejas a fingir a coragem também! A mãe precisa de ti agora, mais do que nunca!

A minha fé deve estar a resultar, pois vejo que a atitude da minha mãe está a mudar! Ela está determinada a não desistir da vida, gosta demasiado da vida, disse ela. A mãe lembrou ao meu pai que tem facilidade com

línguas e que isso pode ser uma mais valia para falar com os outros passageiros e também com aqueles a quem chamam SS. Tinha um cérebro e sabia usá-lo.

Estou nesta viagem há muito tempo! Até parece interminável! Após várias horas de incentivo positivo e carícias, os meus pais começam a aceitar melhor a realidade. A minha mãe está nauseada, sem água e luta por ar respirável. O meu pai sofre também ao vê-la em tais angústias. A conversa deles agora deixa-me triste, pois falam da possibilidade de não se voltarem a ver. Por isso, neste improvável lugar, escolhem o meu nome. Se eu for um menino, chamar-me-ão Misko. Se eu for menina, irão pôr-me o nome de Hanka (Hana) a partir do nome de uma irmã da avó da minha mãe.

Este momento comovente chamou a atenção de uma senhora que se apresentou como Edita. Edita ouviu os meus pais e prometeu-lhes que tomava conta da minha mãe, se ficarem juntas. Já gosto dela, Edita parece ser muito bondosa, tenho de confiar nela, pois agora ela é a nossa guardiã.

### **1 de outubro de 1944**

Parece que esta é a nossa última paragem. Oiço passos, a minha mãe e o meu pai começam a sair do comboio. Mesmo antes de saírem, o meu pai disse à minha mãe: “Vai ficar tudo bem, minha menina de ouro. Pensa positivo, Piroška! Pensa apenas em coisas boas!” Aqui a situação não é melhor. Persistem os gritos e as aflições. Uns destacam-se no meio da confusão, de todos os lados, oiço gente gritar numa lengalenga incompreensível: “Raus! Schnell, juden schwein!” Não percebo o que isso significa, o que me assusta, pois não sei o que se está a passar. Mas afinal que língua é esta?

Que rebuliço! Mas o que se passou? Senti um grande empurrão! A minha mãe foi arrancada do conforto dos braços do meu pai e praticamente atirada ao chão! Quem foi o malvado que fez uma coisa destas? Felizmente, Edita conseguiu agarrá-la antes que caísse. No entanto, algo incomoda a minha mãe. Já não consigo ouvir o meu pai e parece que a minha mãe deixou de vê-lo! Pai! Pai! Onde estás? A minha mãe chora em desespero! Não há sinal do meu pai! Com todo este caos, tropeçou. Ai! Sempre acabamos por cair! Oiço alguém falar com ela, alguém cuja voz nunca tinha ouvido antes. Se tivesse que adivinhar, diria que é um homem. O homem perguntou à minha mãe: “Qual é o problema, bonita?” Que pergunta atenciosa, será que ele irá ajudar-nos? A minha mãe parece discordar pois respondeu que não há qualquer problema! Então e o pai que está desaparecido? Isso já não é um problema? Entretanto o homem fez uma pergunta muito estranha! Pediu à minha mãe que lhe mostrasse os dentes! Será alguma coisa de crescidos? Às vezes não entendo as pessoas, têm cada hábito mais estranho. Não sei se a minha mãe o deixou ver-lhe os dentes ou não, mas o que é certo é que ele disse severamente: “Arbeiten!” Lá está outra palavra cujo significado desconheço, seria muito mais fácil se pudesse ver o que se passa lá fora...

Isto é surreal! É uma cena de terror! Gritos e mais gritos, por todo o lado! Uns indicam-nos o caminho, separam homens e mulheres, crianças, velhos e doentes. Outros são gritos de agonia, de dor! Distingo algumas frases

no meio desta gritaria infernal: “As minhas crianças! Os meus bebés!” Será que lhes estão a fazer alguma coisa má? Pelo menos, não me separam da minha mãe, não podem, só é pena terem-me conseguido separar do meu pai. O mundo parece tomado por maldade! No meio dos berros de comando e sofrimento, oiço cães que ladram furibundos, mas neste cenário, quase que também parecem berrar connosco! O que fizemos de mal?

Fomos conduzidas para um edifício. Às mulheres, foi-lhes ordenado que se despissem e abdicassem de todos os bens que traziam. As desobedientes eram espancadas! Depois levaram-nos para outro sítio, onde se ouviam gritos de dor, como se estivessem a tirar a estas mulheres parte de si! Talvez estejam, pois reconheci o barulho de máquinas de barbear. Por fim, voltamos para o ar livre. O corpo da minha mãe treme, deve ter frio. Depois de muito tempo à espera, voltei a ouvir uma voz familiar. Não tenho qualquer dúvida, é o homem que queria ver os dentes da minha mãe! O Homem dos Dentes foi passando de mulher em mulher, fazendo-lhes uma pergunta naquela língua estranha. Quando chegou à beira da minha mãe, fez-lhe a mesma pergunta: “Sind Sie schwanger, fescche Frau?” Não percebo patavina, mas a minha mãe parece perceber, em apenas alguns segundos, respondeu segura: “Nein.” Depois disto, o Homem dos Dentes seguiu para a próxima mulher.

Agora, fomos levadas para dentro de um edifício novamente, desta vez para que as mulheres tomassem banho. Sedentas, algumas tentaram beber água, mas não devia estar boa pois cuspiram-na de imediato. As mulheres foram também vaporizadas com alguma coisa que ardia. De seguida, as mulheres foram empurradas para umas latrinas para fazerem as suas necessidades à pressa. Distribuíram-lhes roupas e a minha mãe teve a sorte de receber um vestido largo e comprido assim nunca ninguém suspeitou que estaria grávida, segundo ela ninguém o pode saber. A minha mãe anda sempre com a nossa guardiã, Edita. Só se ouvem pessoas a falar parece que contam alguma coisa de mal pois sinto que a minha mãe está preocupada.

### **Dias seguintes no campo**

Já estamos aqui há um tempo, nem sei se muito se pouco, sei que já parece uma eternidade. Nunca senti a minha mãe como agora, com medo sinto-a fraca como se estivesse a desistir da vida. Já não come como antes, isso sei eu porque ando aqui a conter-me para não andar sempre a pedir comida e mesmo assim sempre que peço raras são as vezes em que os meus desejos são ouvidos. Cada vez me dá mais vontade de provar aquele bolo que a minha mãe está sempre a falar com as outras mulheres, como ela lhe chama uma «babka» não sei o significado mas pela maneira que a minha mãe fala parece ser delicioso. Aqui o mau cheiro acumula-se, ouço as outras mulheres a resmungar por não terem sítio para tomar banho. Nem a minha mãe nem as outras pessoas devem estar a dormir em camas confortáveis pois estou sempre a sentir empurrões como se não existisse espaço suficiente para toda a gente, também nunca as ouço a tirar os sapatos logo devem dormir com eles. Há uns dias, aquele Homem dos Dentes apareceu, a minha mãe já não o via há um tempo. Chegou perto dela e senti que lhe apertou alguma coisa do seu corpo, só sei que o que quer que foi não deu resultado porque depois disso foi embora. Ocasionalmente, quando estou no meu pouco tempo de repouso, Edita

chama pela minha mãe e pouco tempo depois sinto o corpo dela como se voltasse à vida. Nestes momentos preciosos, Edita dá-lhe bocados de comida que, apesar de pequenos, são da comida mais deliciosa que já provei! Pergunto-me o que serão e onde Edita os encontra, embora saiba que pode ser a minha fome que lhes acentua o sabor maravilhoso.

A vida neste campo, dentro do útero da minha mãe é muito intensa. Partilhamos uma ligação particular pois eu tenho conhecimento das sensações do seu corpo. Às vezes, deixam-nos sair, então a minha mãe analisa o campo à procura do meu pai. Vivemos atormentadas por sede, fome e dor, contudo ela encontrou forças para sobreviver e determinação de me fazer viver também.

Hoje à tarde experimentei uma alegria e emoção que julguei há muito perdidas! A minha mãe reconheceu o meu pai num pequeno grupo de homens que passavam pela nossa secção do campo. Sem perder tempo, ela correu na sua direção, até à vedação. Ui! É uma vedação elétrica! Tiveram uma conversa comovente, o pai disse-lhe que a ideia de estarmos vivas era o que o mantinha vivo. Antes de serem obrigados a afastarem-se, de esperança renovada e a chorar, o meu pai disse à minha mãe: “Não te preocupes. Vou voltar. Vamos conseguir!” Palavras de encorajamento que guardarei comigo. As palavras do meu pai e a possibilidade de o voltar a ver também tocaram a minha mãe, ela está muito mais animada e apaixonada pela ideia de me salvar. Tocou a barriga com a palma das mãos. Calculou que a data do meu nascimento será a 12 de abril de 1945. Memorizando esta data, decidiu a todo o custo manter-se viva pelo menos até eu nascer.

#### **10 de outubro de 1944**

O Homem dos Dentes voltou a aparecer. Pela minha experiência já sei o que ele faz, inspeciona as mulheres para o *arbeit*, palavra que aprendi no meu tempo aqui e que significa trabalho. Deram-nos comida e enviaram-nos para algo que me parece ser um comboio. A minha mãe grita desesperadamente pelo meu pai. Mas isso é inútil, atrás de nós fecham-se as portas.

#### **12 de outubro de 1944**

Pelo que ouvi chegamos a uma cidade chamada Freiberg, para trabalhar numa suposta fábrica. Não sei por que mudamos de sítio, se calhar, por estas mulheres trabalharem tão bem, quiseram recompensá-las. Sim. Deve ser isso, afinal aqui temos melhores condições do que no sítio onde estávamos (já não sinto empurrões à noite...). Contudo, nem tudo melhorou. Acordamos muito cedo e as mulheres trabalham muito, sinto a minha mãe cada vez mais cansada. Há dias em que não trabalhamos, isto é, a minha mãe, porque eu não faço nada, mas mesmo assim esse descanso é maravilhoso. As mulheres trabalham muito e a comida é pouca, noto isso sobretudo pelo rápido declínio físico da minha mãe.

Eu não sei se é das condições, se é feitiço meu, mas ultimamente tem-me apetecido tanto comer...cebola. A mãe arranja cebola e faz de tudo para ter cebola. Os meus pedidos estão a ser ouvidos pela primeira vez em muito tempo pois a minha mãe tenta trocar a sua ração de pão por cebola. Edita subornou um dos guardas ao qual ela chama de tio Willi o corajoso. Ela diz que é o único que parece ter coração pois arranja-nos pequenos bocados de comida para dar à minha mãe.

Como a minha mãe tem talento para línguas por vezes traduz algumas cartas que chegam de vez em quando pensando em cartas de amor que o meu pai lhe costumava escrever. Ai, que medo! Ela foi apanhada por um guarda! Engoliu o papel, foi agredida e interrogada durante uma eternidade, mas não contou nada. A minha mãe é mesmo corajosa.

Apesar de ser inverno as roupas que foram dadas à minha mãe são muito desconfortáveis, ela quase escorrega na neve com aquelas malditas socas. Sei pelo que falam aqui que os habitantes de Feiberg continuam a sua vida normalmente. Porque é que eles podem ter uma vida normal e a minha mãe tem que estar aqui a sofrer?? Ela fica mais desanimada ao ver as crianças fazer bonecos de neve e usar roupas quentes. Mas ela recusa-se a pensar sequer na morte e mantém a esperança que o meu pai esteja vivo. A maioria do tempo pensa em coisas maravilhosas e em mim e no pai. Bem, eu e o pai também somos coisas maravilhosas. Ao contrário da minha mãe, as outras mulheres perdem a esperança, assumem que vão morrer apenas não sabem quando.

### **13 e 15 de fevereiro de 1945**

Estamos na fábrica e de repente começo a ouvir um som muito estranho à minha volta, como se alguma coisa estivesse a cair e acabasse por explodir. Isto já acontece há algum tempo, sinto que a minha mãe está esperançosa. Não sei porquê, pois só ouço confusão à minha volta! Estão a mandar-nos ir para cima com toda a pressa e não sei porquê. Mandaram à minha mãe e às outras mulheres desligarem as luzes e fecharem as cortinas mas estas nem se mexeram.

### **31 de março de 1945**

As máquinas pararam de funcionar. Pelo que ouvi, o produto que as faz trabalhar acabou, a luz apaga-se muitas vezes. Como não tinham máquinas para trabalhar, as mulheres, incluindo a minha mãe, começaram a trabalhar a partir de sucata.

Num dos reconhecimentos que aconteciam todas as manhãs a minha mãe chegou atrasada, não sei o que é que se passou para isto acontecer, mas também ainda não percebi o porquê de termos de ir todas as manhãs para junto destes guardas. Quando a minha mãe lá chegou, um guarda perguntou-lhe: “Porque estás atrasada?” A minha mãe imediatamente respondeu que o facto de chegar atrasada dificilmente vai destruir o

Reich, seja lá quem o Reich seja. Este guarda deu-lhe um estalo bem forte, digo-vos já! Eu senti bem pois deu-lhe com tanta força que a minha mãe caiu redonda no chão, tendo rebolado para ninguém perceber que estava grávida. Mas a minha mãe não reagiu com ódio, levantou-se e disse: “Está tudo bem. É sempre melhor do que levar um tiro.” - O que é um tiro? - E também disse: “Eu sabia que sobreviverias.” Alguns dias depois as mulheres, e a minha mãe claro, começam a dismantelar as maquinarias das aeronaves que iriam para outro sítio, pelo que dizem. Como elas já não produzem, a ração é diminuída, ficam mais fracas e sem energia.

### **Início de abril de 1945**

Estava “eu” e a minha mãe a tomar banho quando de repente alguém muito histérico gritou muito alto o nome da minha mãe. Acho que foi outra mulher, pois esta disse logo que iam acabar todas mortas. Devido a tanto alarido os guardas acabaram por aparecer e a outra mulher acabou por confessar que a minha mãe estava grávida (porque é que ela não ficou calada?). Uma das guardas chegou à beira da minha mãe e perguntou: “É verdade? Estás grávida?” e claro a minha mãe admitiu. A minha mãe ficou quieta esperando morrer ali. Depois a guarda perguntou: “Quando vais ter a criança?” A minha mãe respondeu: “Em breve. Muito em breve.” A minha mãe acabou por se deitar no seu beliche e ficou a ouvir as guardas a conversarem, mas ela só pensava em mim e que a notícia se iria espalhar ficando todas as prisioneiras a saber.

Dias depois uma guarda aproximou-se da minha mãe e perguntou-lhe: “De que precisas?”. Ela já não aguentava com os seus pés e eu sentia a sua dor e desespero, então a minha mãe respondeu: “Gostava de um banho quente para os meus pés.” Pouco depois trouxeram-lhe uma bacia de água quente que a fez sentir como uma rainha. A minha mãe desconfiava daquela atitude por parte das guardas mas agradeceu-a.

### **12 de abril de 1945**

Este banho de pés sabe tão bem! A minha mãe não é a única que se sente relaxada. As coisas lá fora devem estar a melhorar! Durante todo este tempo vivi tantos acontecimentos... Uns foram bons, como o tempo em que estava em casa com o pai e a mãe. Outros foram maus, como as viagens por que a minha mãe passou, os gritos, a confusão e a maioria dos acontecimentos nos últimos meses! Ai, não quero pensar nisso!

Mas que sensação estranha é esta? Acho que... Sim! É agora! Vou nascer! Estou a começar a sentir as contrações! A minha mãe também está a sentir. O quê? Oh, mãe, não chores! Por que estás a chorar?

O choro da minha mãe não foi ignorado. Foi enviada para um sítio qualquer chamado enfermaria. Ela não está sozinha, está com uma senhora que se apresentou como Dr. <sup>a</sup> Mautnerová. Acho que ela vai ajudar no meu nascimento. Mas, pelos vistos, elas as duas não são as únicas aqui! A minha mãe reparou que umas 30 outras mulheres se tinham agrupado à porta para assistir! Não sabia que era assim tão importante... Até fazem apostas sobre o meu sexo! Ouvi alguém dizer que se eu for rapariga, a guerra vai acabar, se eu for rapaz, ainda vai continuar por mais algum tempo. Gostava de não saber, mas durante o meu tempo aqui aprendi o que é



a guerra. Guerra é o que estamos a viver. As coisas más que aconteceram devem ter sido por causa da guerra, acho eu. Os gritos, a aflição, o sofrimento.... Ai, estes pensamentos assustaram-me! Até parece que consigo ouvir o seu barulho, como se estivesse a viver tudo outra vez! Façam isto parar, por favor! Talvez se eu tapar os ouvidos conseguirei travá-los.

Sinto-me fraca. O momento do meu nascimento deve estar próximo. Vejo uma luz. Por alguma razão, tenho a sensação de que devo ir para lá. Acho que é a saída do útero da minha mãe, aquilo que me levará lá para fora, para junto dela. Tenho pena que o meu pai não esteja aqui, mas mesmo assim vou em direção à luz. Quem sabe o que está lá fora? Quem sabe o que encontrarei! Vou poder ver finalmente como é o mundo que produz tudo o que ouvi... e vivi nos últimos meses! Às vezes imagino como será lá fora. Tenho o pressentimento que o mundo é um lugar assustador. Eu e a minha mãe passámos por tantas coisas terríveis... Se calhar, estou a exagerar. Afinal, mesmo no meio das tormentas por que passámos, encontrámos coisas boas! A bondade de Edita e de alguns guardas... O reencontro com o meu pai que, apesar de breve, foi maravilhoso... O otimismo e esperança sem fim da minha mãe... Ah! A esperança da minha mãe! Mesmo nos piores momentos ela nunca perdeu a esperança! Como a admiro por isso. Vou seguir o seu exemplo, vou ter esperança. Agora que estou prestes a entrar no mundo, terei isso em mente. Esperança na minha mãe, no meu pai, no fim da guerra. Vou ter esperança, porque a esperança, pelo que aprendi aqui, prevalece mesmo quando tudo o resto parece perdido.

### **Pósfácio**

Às 15:50 do dia 12 de abril de 1945, uma quinta-feira, Priska deu à luz uma menina. Anémica e perigosamente subnutrida, a quantidade de sangue perdida pela mãe quase a matou. A bebé nasceu com pequenas mãos salpicadas de sangue e com os punhos fechados levantados junto às orelhas, que até pareceram chifres a Priska, por um momento. Priska teve medo de ter uma criança deformada, mas rapidamente verificou que ela apenas tinha uma cabeça demasiado grande para o corpo, por ser muito pequena. Assim que Priska confirmou que a criança não tinha qualquer deficiência, sentiu-se esmagada pelo facto de Tibor não estar presente e petrificada pelo que poderia acontecer à criança. A sua pequena filha não tinha forças suficientes para chorar e mal mexia os membros debilitados. A bebé praticamente não tinha músculo ou gordura no corpo. Tinha um excesso de pele que lhe descia pelas pernas como meias. Tinha o rosto enrugado, fazendo Priska exclamar que ela era “feia como o diabo” e tinha os olhos azuis do pai.

Priska sabia que nunca teria sobrevivido sem a bondade de Edita e por isso deu o nome de Hana Edith Lowenbein à sua filha, conhecida como Hana ou Hanka. As mulheres da fábrica juntaram a sua preciosa marmelada e um pouco de água para fazer xarope para a bebé e Priska. Costuraram uma bata para Hana com um Peter Pan na gola e um gorro com um bordado azul e pequenas flores vermelhas, a partir de panos de

algodão com as palavras KZ Freiberg estampadas. Priska guardou estas roupas como se de um tesouro se tratasse.

Priska e Hana acabaram por sobreviver ao Holocausto, mas Tibor terá morrido numa marcha da morte.

### **Bibliografia**

HOLDEN, Wendy – *Os bebés de Auschwitz*. Lisboa: Vogais Editora, 2015.

### **Autores**

Inês Bastos, 10VA

Marta Alves, 10VA

Dinis Barros, 10VA

Maria Santos, 10VA

Abril de 2017, Agrupamento de Escolas de Vilela e Projeto N.O.M.E.S.

**Concurso «Contar o Holocausto» | Memoshoa e DGE**